

Quando eu era

JOG

Keren David

Quando eu era
JOE

Tradução
Geraldo Cavalcanti Filho



When I Was Joe Copyright © 2010 by Keren David
O direito de Keren David de ser identificada como autora deste trabalho foi assegurado a ela
em acordo com Copyright, Designs and Patents Act, 1988 (United Kingdom).

Publicado originalmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos em 2010, pela Frances
Lincoln Children's Books, 4 Torriano Mews, Torriano Avenue, London, NW5 2RZ
www.franceslincoln.com

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são
produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos
reais é mera coincidência.

1ª Impressão — 2014

Produção Editorial:

Equipe Novo Conceito
Impressão e Acabamento RR Donnelley 081113

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

David, Keren
Quando eu era Joe / Keren David ; tradução Geraldo Cavalcanti
Filho. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: *When I Was Joe*.
ISBN 978-85-8163-339-8

1. Ficção inglesa I. Título.

13-10379

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para Laurence, Phoebe e Judah
Lembrando Daniel com amor e pesar

CAPÍTULO 1

Depoimento

Uma coisa é ver alguém ser morto. Outra coisa bem diferente é falar sobre isso. Quando aconteceu, eu nem sequer entendi direito o que estava vendo e meu coração batia tão forte que eu não conseguia ouvir mais nada. Minha mente girava na velocidade da luz — procurando saber o que fazer, tentando compreender o que estava acontecendo. Então saí correndo o mais rápido que podia.

Mas agora estou sentado na delegacia contando o que aconteceu a três policiais, e eles estão fazendo tantas perguntas sobre cada detalhe que é como se tivessem colocado a coisa toda em câmera lenta. É como estar preso em um filme de horror sinistro e não poder fechar os olhos. E desta vez não tem como fugir.

Por duas vezes, falando sobre o sangue esparramado na lama e os corpos rolando no chão, sinto que vou passar mal, e Nicki, minha mãe, pede que parem a gravação enquanto me inclino para a frente e engulo o vômito.

Ela põe a mão nas minhas costas e pergunta em seu melhor tom de estudante de direito:

— Isso é mesmo necessário? Ele está aqui para ajudá-los. Ele é apenas um menino de 14 anos.

E o sujeito que mais faz perguntas responde:

— O garoto que morreu também, Sra. Lewis.

Eles me dão um copo de água e começam tudo de novo. Fico imaginando se algum dia vão finalmente me liberar.

Eles me mostram um monte de fotografias. Algumas são de rostos, e é fácil identificar as pessoas. Algumas são ampliações dos cortes e feridas que já tinha visto antes, mas nas fotos parecem bem diferentes do que vi no parque ontem. Foi mesmo apenas ontem que tudo aconteceu?

Estava bem escuro no parque, e eu dera apenas uma olhada rápida antes de virar o rosto. Agora eles me fazem olhar de verdade e ver o corte aberto em uma linha curva, a carne exposta e vermelha. A foto está bem iluminada, e sei que nunca vou conseguir esquecer essa imagem. Acho que querem me chocar para ver se confesso alguma coisa. Eles me avisam que eu posso ser acusado e dizem que tenho o direito de ficar em silêncio. Nicki pergunta de novo:

— Isso é mesmo necessário? Ele está aqui para ajudar vocês.

Os investigadores trocam de turno, mas tem um que sempre permanece na sala. É o detetive Morris, o único negro, e mais velho do que os demais. É quieto, quase não fala e deixa os outros fazer as perguntas repetidamente, cada vez mais alto: Eu estava envolvido? Tinha participado da briga? Eu sabia o que ia acontecer? A que distância eu estava quando enfiaram a faca? Eu estava de olheiro para eles?

Não, eu respondo, mantendo a voz calma. Não estava muito perto deles, não. Estava só olhando, não participando. Era só uma testemunha. O tempo todo, a cada pergunta que fazem, eu me esforço para manter o foco. Tento pensar somente naqueles garotos brigando — quem empurrou, quem bateu, quem esfaqueou quem.

Após horas de interrogatório, depois de colherem minhas digitais e rasparem minha boca — “para o DNA” —, eles deixam Nicki e eu a

sós. Ela parece completamente exausta. Está com os olhos inchados, e eu me sinto culpado por fazê-la passar por tudo isso.

— Eu sinto muito, Nic — digo. E ela responde:

— Não se preocupe comigo, está fazendo a coisa certa. — Mas não parece muito segura disso.

Então, um dos policiais indica onde fica a cantina.

— Aposto que estão com fome — ele diz. Mas, quando chegamos lá, está fechada e temos que nos virar com o que há nas máquinas automáticas. Meu jantar acaba sendo chocolate quente, batatas fritas e uma torta de creme amanhecida. Já é quase meia-noite. Acabo dormindo debruçado sobre a mesa com a cabeça entre os braços.

Quando acordo, o detetive Morris está sentado à mesa falando com Nicki. Mantenho a cabeça abaixada, escutando se dizem algo que possa me interessar.

— Estamos satisfeitos com o depoimento dele — diz Morris.

— Posso levá-lo para casa agora? — pergunta Nicki. — Ele tem escola de manhã.

— Vamos ter que pensar bem se podem ou não ir para casa — responde o detetive. — Seria mais seguro se não fossem.

Nicki franze a testa.

— Como assim? Não podemos ficar aqui.

— Nós vamos cuidar de vocês — diz Morris. — Ty identificou pessoas perigosas em seu depoimento e não queremos que tentem silenciá-lo.

Levanto a cabeça, tremendo e ofuscado pelas luzes fluorescentes da cantina.

— Para onde iríamos? — pergunto, torcendo para que, onde quer que seja, eu não tenha que atravessar Londres inteira às 8h30 da manhã para chegar à escola. Mesmo porque seria típico da minha mãe me obrigar a ir. Ela é fanática quanto à minha educação.

— Vamos ter que levar vocês para um hotel e avaliar a situação — responde Morris. — Talvez seja necessário colocá-los no programa de proteção à testemunha.

— Como assim? O que é isso? — pergunta Nicki. Eu não gosto da palavra *proteção*. Traz más lembranças.

— Nós realocamos testemunhas vulneráveis. Damos uma nova identidade, uma casa nova, dinheiro para começar uma nova vida. Faremos tudo que estiver ao nosso alcance para garantir sua segurança.

— Não mesmo — diz Nicki. — De jeito nenhum. Tenho certeza de que isso não será necessário.

— Bem, acho que vamos apenas colocar vocês em um hotel por alguns dias e ver o que acontece — diz Morris, terminando o chá e se levantando. Ele aperta nossas mãos e diz: — Prazer em conhecê-lo, Ty. Agradecemos muito sua cooperação.

Em seguida, eles trazem meu depoimento por escrito. Eu não quero ler. Não quero pensar sobre o que aconteceu e o que não aconteceu naquele parque. Mas eles me obrigam a ler cada palavra e rubricar cada página e assinar no final.

Um policial uniformizado nos leva de volta ao nosso apartamento através de ruas vazias e escuras em um carro sem identificação.

— Vocês têm meia hora para fazer as malas — ele diz. — Melhor pensar bem no que vão levar, pois talvez não possam mais voltar.

Nicki argumenta que só vamos ficar alguns dias em um hotel, mas eu olho para o rosto dele e percebo que ele acha que ela está se iludindo.

Como se escolhe o que levar quando lhe dizem que você pode nunca mais voltar para sua casa? Penso nas pessoas que perderam tudo em enchentes, *tsunamis* e terremotos, gente que vemos nos noticiários em campos de refugiados porque seus países estão em guerra. Imagino que seus problemas são tão grandes que provavelmente elas não têm tempo para se preocupar com uma fotografia ou um brinquedo velho. Acho que, em uma situação de crise, coisas pequenas não têm mais importância.

Faço de conta que estamos cercados por uma enchente e as águas estão subindo, pegando algumas coisas rapidamente antes que chegue o helicóptero de resgate. Faz parecer menos real, mas não ajuda em nada quando se trata de deixar para trás coisas como a escrivaniinha que meu avô fez para minha mãe antes mesmo de eu nascer.

Coloco o laptop na capa, mas o policial diz:

— Você vai ter que deixar isso. Vamos querer dar uma olhada nele.

— Mas é meu... — É meu bem mais precioso. Vovó teve que economizar um tempão para me dar de presente quando passei para o ensino médio. O agente faz um gesto negativo com a cabeça.

— Vamos conseguir um mandado e teremos que checar o disco rígido. E onde estão as roupas que você vestia ontem? Vou precisar delas. — Procuro no meio das roupas sujas e pego uma calça jeans e um agasalho com capuz. Sorte que tenho muitas calças jeans, e Vovó comprou o agasalho em um pacote com três unidades na Asda.

Pego meu iPod e meu cachecol do Manchester United, que é a única coisa que tenho do meu pai. Pego meu uniforme escolar e meus livros, pois calculo que Nicki vai dar um jeito de eu ter que ir para a escola de qualquer maneira. Pego algumas roupas e outras coisas. Procuro debaixo da cama a bolsa da Tesco, que contém algumas coisas nas quais terei que dar algum jeito depois. Mas as coisas mais importantes que quero levar não podem ser colocadas em uma mala.

Nicki e eu moramos em cima da loja de um jornaleiro numa rua movimentada. Não é grande coisa e, quando as janelas estão abertas, o barulho da rua nos obriga a gritar para sermos ouvidos. Mas gosto de ter meu próprio quarto, mesmo sendo minúsculo. Nós o pintamos com uma cor legal, meio roxo-azulada, e cobrimos as paredes com cartazes de futebol. Gosto também de como a luz do sol entra pela janela no fim da tarde e eu fico sentado no peitoril observando o que acontece na rua.

Nunca me sinto solitário porque tem lojas e gente por todo lado, e gosto de ouvir todas as línguas diferentes que falam. É como se o

mundo todo estivesse representado ali na nossa rua. A região leste de Londres deve ser um lugar legal se vem gente de tão longe morar aqui.

Nicki mete um monte de coisas em uma bolsa, meio aleatoriamente, então volta a argumentar com o policial.

— Não estamos indo embora para sempre — diz. — Eu tenho um emprego e Ty frequenta uma escola ótima.

— Não depende de mim — responde o policial. E então: — O que foi isso?

Todos nós ouvimos. Um barulho de algo batendo. O som de vidro se estilhaçando. É uma área barra pesada onde nós moramos, mas dessa vez foi muito perto. No andar de baixo. Sinto um cheiro meio doce e metálico. Não é perfume. Conheço esse cheiro, mas não consigo me lembrar do que é.

— Vamos — grita o policial. — Rápido, desçam!

Descemos correndo a escada íngreme que leva à rua, arrastando nossas malas conosco. Na metade do caminho, ouvimos um enorme estampido. Quase tropeço e o prédio inteiro parece tremer. Um som crepitante, um cheiro sufocante... e há fumaça... fumaça subindo pelo vão da escada... mas conseguimos chegar ao térreo e saímos para a noite.

A loja do Sr. Patel está pegando fogo. A revistaria que é seu orgulho e que ele passa tantas horas limpando. As chamas consomem as balas e revistas. Tem um buraco enorme na vitrine da frente e vidro quebrado por toda a calçada. Nicki começa a gritar e a bater nas portas, tocando campainhas e chamando os moradores.

— Vocês precisam sair! — berra para as pessoas que moram no andar acima das lojas.

Eu fico ali, parado, em pé sobre os cacos de vidro na calçada, olhando as chamas. Será que quem fez aquilo sabia que tínhamos nossa própria porta da frente? Se não tivéssemos... teríamos escapado?

Nosso policial está falando no rádio, pedindo ajuda.

— Uma bomba de gasolina, na revistaria... temos que evacuar a área urgentemente... — Então ele segura Nicki pelo braço no momento em que ela começa a subir a rua e diz: — Não, pare. Precisamos tirar vocês daqui agora. — Ele joga nossas malas no carro, nós entramos no banco de trás e partimos enquanto nossos vizinhos começam a descer para a rua.

— Ó, meu Deus! — exclama Nicki. — O que foi aquilo? — Ela está chorando. — Eles vão conseguir tirar todo mundo? Pobre Sr. Patel. Aquela loja é tudo para ele. E a Sra. Papadopoulos? Ela é surda, não deve ter ouvido... Alguns daqueles apartamentos têm muita gente enfiada em poucos quartos...

Ela põe os braços em volta de mim e ficamos abraçados. Mal consigo acreditar no que acabo de ver. Eu adoro aquela loja. Costumo passar horas lá, especialmente quando Nicki chama as amigas para beber vinho e assistir a um filme romântico.

O Sr. Patel é um sujeito muito legal. Ele me ensina urdu e empresta qualquer revista que eu queira, menos as da prateleira mais alta. Ele me deixou escolher minha rota de entrega de jornais, e, quando preciso de uma conversa de homem para homem, é com ele que falo.

— O que aconteceu? — pergunto, e minha voz trêmula parece a de um menino assustado de 10 anos. — Foi uma bomba? — Carros de bombeiros passam por nós a toda velocidade e a noite, até então silenciosa, se enche com o som das sirenes estridentes.

— É por isso que temos que tirar vocês daqui — diz o policial. — Essa gente não hesita diante de nada.

Penso em tudo que vai ser destruído pelo fogo. Tudo o que deixamos para trás. Meu laptop. Todas as coisas que Nicki comprou para decorar o apartamento — o tapete felpudo, as almofadas de cetim rosa e a cortina de contas brega que separava a cozinha da sala de estar. Eu costumava implicar que era tudo menininha demais, mas agora sinto falta daquela cortina de contas e das almofadas cor-de-rosa.

Nicki se atrapalha para pegar o celular, mas o policial diz:

— Nada de ligações.

— Mas preciso avisar minha mãe que estamos bem. Ela vai ficar histérica quando souber disso...

— Vamos garantir que vocês fiquem bem primeiro, pode ser? — Ele continua dirigindo até deixar Londres para trás e segue em direção ao nada.